

A LITERATURA NA ERA DIGITAL: EXPANSÃO DOS SUPORTES E CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS

Alinny Rodrigues Pereira Silva – alinelitera21@gmail.com
Mestranda pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO: Com a diluição da especificidade da literatura houve um alargamento dos horizontes da produção artística, o que de certo modo promoveu a expansão dos suportes, que vão além do livro impresso, juntamente com a convergência das mídias. Neste sentido, o texto literário adquiriu novas parcerias que vão desde a presença de imagens em movimento, músicas, jogos, sonoridades, hiperlinks entre outros recursos multimídia, bem como a democratização do espaço literário com a inserção de novas vozes de representação popular que até então foram historicamente excluídas. Surgem também novos espaços de publicação e divulgação que vão desde blogs, rede sociais entre tantos outros. Há um novo perfil de autor e de público leitor, pulverizam-se as fronteiras e barreiras, há uma implosão dos limites de modo que ocorre uma aproximação até então, não imaginada entre autor, texto e leitor, por meio das facilidades de acesso, interatividade, múltiplas linguagens e da liberdade de escolhas em relação à condução da leitura. Para a fundamentação teórica citam-se discussões sobre a literatura e sua multiplicidade na contemporaneidade (RESENDE, 2008; GARRAMUÑO, 2014; SCHÖLLHAMMER, 2011), sobre a literatura na era digital (SPALDING 2012; DARNTON, 2010), o leitor literário desde o suporte impresso ao digital, (SILVA e COSTA 2012; LEITE 2016 e CHARTIER, 2007).

PALAVRAS-CHAVES: Literatura multimídia; expansão dos suportes; era digital.

1 INTRODUÇÃO

Diante de uma era tecnológica de profundas mudanças comportamentais, sociais e culturais, a literatura tem sido alvo de questionamentos no sentido de como a tecnologia tem influenciado sua especificidade atual ou o seu inespecífico. Para Garramuño (2014), o inespecífico da arte contemporânea¹ está como saída da especificidade do meio, expansão das linguagens artísticas que implodem muros e barreiras de contenção. Até porque, por meio da implosão da especificidade do interior de um material ou suporte² é que se tem a problemática do inespecífico, com a proliferação de entrecruzamentos de suportes e materiais como condição de alargamento dos horizontes da produção artística contemporânea. Garramuño (2014), também destaca um

¹ Para Marcelo Spalding (2012) em sua tese de doutoramento intitulada *Alice do livro impresso ao e-book*: adaptação de Alice no país das maravilhas e de através do espelho para IPAD, é sempre perigoso lidar com o contemporâneo, seja pela falta de distanciamento temporal, pela sua incompletude, bem como pela “fronteira do presente” (BHABHA, 1998, p.30). É possível “afirmar com frequência que só pode obter e aproveitar o conhecimento sobre coisas de alguma maneira acabadas e encerradas” (CONNOR, 1996, p. 11). Mesmo assim, tais dificuldades não podem impedir debates acerca das transformações tecnológicas deste começo de século e como elas têm influenciado a literatura.

² “[...] um lócus físico ou virtual como formato específico que serve de base ou ambiente de fixação da materialização do texto”. (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

transbordamento de limites que colocam em xeque definições formalistas do literário e da estética. Isto se dá porque a arte das últimas décadas teria questionado a ideia de especificidade, pois cada vez há mais arte multimídia.

Marcelo Spalding (2012), por sua vez, observa que a literatura ao extrapolar as páginas do livro impresso e chegar às telas eletrônicas provocou uma diluição de sua milenar especificidade. Assim, tem-se na literatura uma porosidade das fronteiras, além do inédito espaço democrático que ampliou o acesso do público leitor.

2 A LITERATURA E A INCORPORAÇÃO DAS MULTIMÍDIAS

Nas últimas décadas a literatura aparece em novos suportes, que vão além do livro impresso. Com isso surgem novas ferramentas de construção do texto e novos papéis para autor e leitor. A literatura incorporou sistemas semióticos que vão além do verbal: visual, cinético, sonoro, digital, entre outros, que realizam de maneira inovadora, velhas experiências e descobertas. Abre-se um leque de possibilidades de criação inventiva sob o viés da literatura contemporânea que mantém uma relação com a tradição, mas que soa como novidade.

A prosa da década de 1970, conforme Schöllhammer (2011), já se inspirava no jornalismo e nas técnicas de reportagem. Este mesmo estilo se manteve entre autores no fim da década de 1980 e início da década de 1990. Grande parte deles formaram-se em cursos de jornalismo ou comunicação e se mantiveram ligados às formas jornalísticas e concomitantemente às linguagens audiovisuais, incorporando técnicas de roteiro diretamente na prosa ou, escrevendo ficção e sua adaptação para o cinema. É o caso de escritores como Marçal Aquino que tem uma produção diversificada com adaptações de contos e romances para o cinema e Fernando Bonassi, que além de publicar suas ficções em livro, trabalha em outros formatos tais como projetos cinematográficos e televisivos. Bonassi também atua nos mais diversos formatos, em literatura juvenil, poesia, roteiros de cinema, programas de televisão (tais como Castelo Rá-tim-bum), jornalismo, teatro e prosa. Nota-se nesta geração de escritores que a editora deixou de ser a única opção para divulgação de suas obras, pois estes trabalham em todos os campos possíveis, da imprensa aos meios visuais de comunicação, perpassando pelo cinema, televisão, teatro e pela produção de textos para sites.

Conforme Schöllhammer (2011) é cara à literatura brasileira contemporânea o traço da presentificação³, ou seja, o imediatismo de seu processo criativo e uma ânsia por intervir sobre uma

³ Termo cunhado por Beatriz Resende (2008) que sugere olhar para o presente, de forma que o sentido de presente apareça com força e múltiplas formas, pois há na maioria dos textos, a manifestação da urgência, por meio de uma *presentificação* radical, preocupação com o presente que contrasta com um momento histórico. Este sentido de urgência, de *presentificação*, se evidencia por atitudes de intervenção imediata de novos autores no universo da produção literária,

realidade presente conturbada. Indaga-se a eficiência estilística da literatura e seus impactos a uma dada realidade, juntamente com sua responsabilidade social e cultural de seu tempo. E essa intervenção se dá por meio das novas tecnologias que

[...] oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. Com essas novas plataformas de visibilidade da escrita surgiu um inédito espaço democrático e foram criadas condições para um debate mais imediato em torno de novas propostas de escrita. (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 13)

Há uma aproximação da literatura, até então elitizada, visto como algo sublime e aurático, com as massas. Perde-se na literatura o seu sentido de transcendência para uma abertura ao cotidiano, tendo-se o seu acesso ampliado e democratizado, além do surgimento de um novo perfil de público leitor. Neste sentido, Garramuño (2014), afirma que a articulação dos textos com e-mails, blogs, entre muitas outras variantes trata-se de imbricar as práticas literárias na convivência com a experiência contemporânea.

[...] a midiaticização da literatura também ganha outra dimensão, tratando-se agora não apenas de recurso para revitalizar as formas literárias, mas de diferentes momentos de produção textual numa nova cadeia de produção em que o livro deixou de ser o produto final e apenas representa uma etapa provisória de um desdobramento de significantes em novos formatos mais voláteis e porosos da mútua penetração dos diferentes níveis. (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 63)

Desse modo, a literatura constitui-se como parte do mundo e imiscuída nele, e não mais como esfera independente e autônoma. Garramuño (2014) discorre que a literatura adquiriu funções extrínsecas ao próprio campo disciplinar, pois as disciplinas vão se perfurando para que os limites transbordem. A literatura incorporou múltiplos tons, temas e convicções na era da comunicação informatizada, que não se limita mais ao papel ou à declamação.

3 O SUPORTE LIVRO IMPRESSO

Para Schøllhammer (2011) é preciso reconhecer que a publicação de romances *online* continua sendo um fenômeno minoritário e marginal. O referido autor aponta para a popularidade das formas ultracurtas de minicontos e mini narrativas *online*, há também um hibridismo entre a

escritores moradores da periferia ou segregados da sociedade, como os presos, que eliminaram mediadores na construção de narrativas, com novas subjetividades, com a construção de suas próprias vozes.

escrita literária e a não literária, sendo ela jornalística, pública, pessoal e íntima. Utilizando-se do uso de formas breves e a adaptação de uma linguagem curta e fragmentária.

Outro aspecto a destacar é a preocupação de muitos pesquisadores sobre o futuro do suporte livro impresso e a transposição ou tradução de um texto literário para outro tipo de suporte. Sobre este assunto, Marcelo Spalding (2012) esclarece que

O que está por trás desse apego ao livro é muito mais do que uma identificação ancestral com um objeto que atravessou milênios mais ou menos com o mesmo formato, e sim uma errônea percepção de que livro e literatura são uma entidade única, sendo um incapaz de sobreviver sem o outro (SPALDING, 2012, p. 19).

Assim, de acordo com Silva e Costa (2012), a relação entre texto impresso e digital não é uma questão de ruptura, mas de continuidade, de transformação, não se deve restringir a literatura essencialmente ao livro impresso, este é apenas um suporte e cada suporte tem seu jeito de trabalhar a literatura. Vale ressaltar que na contemporaneidade ocorre um transbordamento dos limites, com a proliferação de formas híbridas e de textos anfíbios⁴, há a implosão, como foi dito anteriormente, não só das disciplinas e materiais, bem como também dos suportes. Em contrapartida, Schøllhammer (2011) contraria as previsões mais pessimistas em relação ao fim do livro impresso ao observar que a figura do autor e o objeto livro ganharam um maior espaço na mídia e que os programas literários de televisão a cabo contribuíram para a abertura do mercado editorial que criaram uma relva densa de muitos novos títulos. Schøllhammer (2011) também afirma que: “O número de escritores estreados, a partir da década de 1990, é muito maior do que na década de 1970 e não para de crescer.” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 19). O talento literário parece ter mais chance de ser identificado pelo garimpo das editoras comerciais que observam os escritores multimídias e seus textos em blogs, redes sociais e outros. Nomes como da norte-americana Anna Todd que lançou a série de livros *After*, que iniciou a carreira com uma fanfiction⁵ da *One Direction*, foi revelada pelo *Wattpad*, uma rede social literária, após alcançar mais de um bilhão de visualizações. Sua obra já tem traduções no Brasil e uma boa aceitação do público leitor juvenil.

O cinema também trouxe muitos jovens para a leitura em suporte de livro impresso, entre tantos exemplos, podemos citar os nomes de J. R. R. Tolkien e J. K Rowling, além de minisséries

⁴ De acordo com Garramuño (2012) em sua obra intitulada *A experiência opaca: literatura e desencanto*, textos anfíbios se sustentam nos limites entre realidade e ficção, são adaptáveis, bem como o próprio termo anfíbio sugere que se comportam bem tanto na água como na terra. Estes textos são exemplos de uma forte impugnação à categoria obra de arte como forma autônoma e distanciada do real, suplantada por práticas artísticas que se vêem abertas e permeadas pelo exterior, atravessada por uma sólida preocupação pela relação entre arte e experiência.

⁵ Segundo Marcelo Spalding (2012), Fan fictions são narrativas criadas por fãs a partir do universo ficcional de determinado artista. Essas narrativas são publicadas em sites específicos como o FanFiction. Net <https://www.fanfiction.net/>. Acesso em 29 de out. 2017.

e novelas televisivas que incentivaram a leitura de romances como *Dois irmãos* de Milton Hatoum lançado em 2000, ganhador do prêmio Jabuti, *Hilda Furção* um romance de Roberto Drummond publicado em 1991, entre outros. Outro fenômeno digno de notas são os *youtubers*, influenciadores digitais que comentam sobre livros, expõem *bookshelf tours*, prática que consiste em mostrar suas estantes de livros, comentar e recomendar exemplares, além de falar sobre as novas aquisições. Isto contribui muito positivamente na formação de leitores. Vale destacar também os *youtubers games* que arrastam milhares de crianças e jovens para a compra de livros impressos dedicados a jogos eletrônicos, em termos de ilustração tem-se o jovem autor mineiro Marco Túlio, dono de um canal que fala de *gameplays* de *Minecraft* e que já caminha para atingir a marca de cinco bilhões de visualizações. O jovem já publicou uma série de livros impressos intitulada *Authentic Games* que são verdadeiro sucesso entre o público infanto-juvenil.

Diante do aparecimento de uma gama cada vez maior de jovens escritores, Beatriz Resende (2008) constata que estes autores não esperam mais pela consagração das academias e do mercado editorial. Estes se utilizam de oportunidades oferecidas pela internet, formam fóruns de discussão e estão mais próximos dos leitores por meio das redes sociais. Se por um lado, a dimensão do espaço e do tempo, fatores que Chartier (2007) afirma que dificultavam o acesso do leitor ao livro em determinados tempos históricos, é efetivamente rompida; de outro, o leitor adquire uma liberdade que não existia no texto impresso. Porém, a maior novidade para Beatriz Resende (2008) está na constatação de novas vozes que surgem de espaços que estavam afastados do universo literário. Um bom exemplo são os discursos da periferia das metrópoles, em que jovens com forte expressão artística, tendo iniciado o seu percurso pela música, chegam agora à literatura.

Já em relação à qualidade dos textos, Resende (2008) afirma que há o surgimento de uma prosa de grande qualidade, revela-se uma experimentação inovadora, cuidadosa, com o conhecimento das muitas possibilidades da sintaxe e uma erudição inesperada, mesmo nos autores muito jovens deste início de século. Por fim, verifica-se que a fertilidade criativa da juventude pode ser devido às novas possibilidades editoriais, há uma multiplicidade em convívio não excludente e isto se revela na linguagem, nos formatos, na relação com o leitor, no suporte que na era da informatização não mais se limita ao papel.

4 OS NOVOS SUPORTES E LEITORES LITERÁRIOS

Beatriz Resende (2008) aponta o uso de *blogs* para a publicação de textos literários como o suporte que mais polêmicas têm levantado. Resende (2008) cita a autora Clara Averbuck como a escritora de maior repercussão de textos publicados em seu blog “Brasileira Preta”, e o seu primeiro

livro *Máquina de pinball*, também publicado em blog, que posteriormente foi para o teatro com direção de Antônio Abujamra e transformado em filme por Murilo Salles. No entanto, Clarah Averbuck (2003) discorda que a ideia de blog constitua um gênero específico.

Coletânea de um bloooog? Sim, amiguinhos, coletâneas de um *blog*. Existem livros de contos. De poesia. De crônicas. Por que não uma coletânea de textos publicados em um blog? Afinal, como eu estou cansada de dizer mas continuo repetindo porque nunca param de perguntar, blog é apenas um meio de publicação para o que quer o autor, dono e soberano do blog, queria escrever. [...] Não existe literatura de *blog*, só *blog* como meio de publicação para escritores e seus textos. Que podem perfeitamente ser publicados também em livro. (AVERBUCK, 2003, p. 13)

Clarah Averbuck viu no blog um suporte e não propriamente um novo gênero, o blog para a autora nada mais é do que uma forma de edição que busca eliminar intermediários entre autor e público leitor, o que possibilitou uma ampla divulgação de seus textos.

Tanto os escritores modernos como os contemporâneos, segundo Flávio Carneiro (1962) empreenderam um diálogo muito próximo com as mídias, entretanto a diferença está que os modernos se viram fascinados pela potencialidade estética das novas linguagens, especialmente do cinema e da publicidade, entretanto, criticavam a massificação decorrente dessas linguagens, havia uma preocupação de não parecer-se literatura de massa. Um bom exemplo disso foi Oswald de Andrade (década de 20) que já tinha em sua obra um forte discurso cinematográfico (uso do corte, da montagem), mas não objetivava alcançar um público amplo. Nota-se um desprezo por parte dos modernistas e concretistas à aceitação da obra de arte pelo grande público, o encantamento pela linguagem rápida, fragmentada e a imagem como recurso estético a ser mesclado à palavra não vem atrelado ao desejo de atingir um público vasto. Já a literatura contemporânea age diferente, pois existe uma nova linguagem de massa propiciada pelas multimídias. A diferença maior, no entanto, está numa nova forma de aproximação mais íntima entre literatura e mídia. A literatura então deixa de considerar como de menor valor um discurso estético para as massas, cria-se uma literatura em sintonia com o mercado, em outras palavras, uma literatura que não apenas utiliza dos recursos linguísticos da mídia como também se interessa em atingir o mesmo público almejado por ela.

Também ocorre o surgimento de um novo leitor, fascinado pela potência das novas imagens, em que o som emana das palavras, dos ritmos, dos elementos musicais adicionados ao texto. Há um movimento que conduz os olhos aos cliques, vídeos, jogos e outros elementos que pedem a interatividade entre leitor e texto. E estas técnicas de produção inventam um novo leitor, que não está acostumado com textos impressos e sim familiarizado com as novas tecnologias.

Marcelo Spalding (2012) cita como exemplo desta potência das novas tecnologias as versões para *Ipad* de histórias como *A menina do narizinho arrebitado* (Monteiro Lobato 1920), *Alice no país das maravilhas* (Lewis Carroll, 1965) e *Toy Story*⁶, este último é um aplicativo desenvolvido pela Disney Digital books⁷, gratuito e que ilustra a conjugação de diversos recursos aliados a narrativa do texto. Dessa forma, a criança é imersa na leitura, juntamente com o texto escrito, contação de histórias, animações, vídeos, músicas com o acompanhamento das letras e videoclipes, desenhos para colorir, jogos, tudo com *menu* de opções e possibilidades de cliques que promovem uma maior interatividade com o leitor, com novas perspectivas visuais, sonoras e cinéticas que rompem com a tradicional lógica sequencial do livro impresso, sem precisar obedecer aos critérios exclusivos de linearidade. Sobre este assunto Robert Danrton (2010) afirma que

[...] ao contrário de um códice impresso, um *e-book* pode conter diversas camadas, organizadas em forma de pirâmide. Leitores podem fazer download do texto e realizar uma leitura superficial da camada superior, redigida como uma monografia comum. Se ficarem satisfeitos, podem imprimir o texto, encaderná-lo (máquinas de encadernar podem hoje ser conectadas a computadores e impressoras) e estudá-lo ao seu bel-prazer na forma de brochura confeccionada sob medida. Caso encontrem algo em especial que lhes interesse, bastará um clique para passar a uma outra camada, contendo um ensaio suplementar ou um apêndice. Os leitores podem ir ainda mais fundo no livro, explorando corpus de documentos, bibliografia, historiografia, iconografia, música de fundo, tudo que eu possa oferecer para permitir a compreensão mais completa possível do meu tema. Por fim, leitores transformarão o meu tema em seu próprio tema: encontrarão seu próprio caminho dentro dele, lendo horizontalmente, verticalmente ou diagonalmente até onde os levarem os links eletrônicos. Tais transformações não são inéditas ao longo da história, elas precederam toda uma evolução dos suportes que perpassaram desde a oralidade, o surgimento da escrita, a substituição do pergaminho pelo códice, a invenção da imprensa em tipos móveis e a comunicação eletrônica. (DANRTON, 2010, p. 78 -79).

Dessa forma o leitor tem novas possibilidades de leitura. Silva e Costa (2012) afirmam que é possível não só ler o texto em um suporte diferente do impresso, mas ouvi-lo, vê-lo movimentar-se e transmutar-se por meio de palavras inquietas, saltitantes, pois o texto ganha vida e promove um entrecruzar de sentidos. Entretanto, para o leitor acostumado ao ordenamento da leitura, essa prática causa estranhamento porque o uso do computador acarreta estratégias que se afastam do processo de leitura do livro impresso, uma vez que a página luminosa, exposta no écran, explora mais o ver, numa leitura por escaneamento e por varredura, do que ler em sequência, como no

⁶ Marcelo Spalding (2012) esclarece que neste caso foi feita uma adaptação da história do filme em 2010, por meio da narração desta através de um texto e com paginação semelhante a de um livro utilizando-se dos recursos de imagens, música, animações entre outros. Marcelo Spalding também acrescenta que o livro não traz o nome do autor e sim o nome da editora, neste caso a indústria de entretenimento Disney World.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZacmimjSM7k>>. Acesso em: 22 out. 2017.

texto impresso. A leitura num espaço de écran, o leitor dispersa o olhar e vê toda superfície de leitura em simultâneo e não mais pela leitura guiada linha por linha.

Silva e Costa (2012) ainda acrescentam que o leitor pode consultar e navegar por leituras paralelas ao texto principal, pode ainda ler e escrever sobre o que está lendo ou sobre o que está pensando, tendo-se opções de ler e escrever simultaneamente. Rompe-se assim com os ditames do ato de ler, haja vista que o leitor comum ganha vez e voz na materialidade digital. Muda-se assim, os modos de se conceber a leitura, mas as características éticas e estéticas da literatura se mantêm. Neste sentido, Silva e Costa (2012) colocam que a mistura de sensações, a ideia de movimento, de ritmo, o poder catártico, tudo isso se evidencia tanto no texto impresso quanto no digital. Dessa forma, o leitor, emancipado, utiliza-se dos múltiplos percursos de leitura que vão desde as redes sociais, de compartilhamento, as plataformas virtuais, a cibercultura e trilha os próprios caminhos de interpretação, uma vez que se pode utilizar-se da página impressa, do écran eletrônico, como também de diversas outras mídias que enriquecem e dinamizam o processo de leitura. Para Leite (2016) a presença dos textos literários em diferentes suportes implica na adoção de diferentes perspectivas de aprendizagem que contemplem o novo perfil de leitor, o leitor imersivo (virtual) e isso implica em um processo de resignificação da leitura literária, por meio do uso das ferramentas tecnológicas em rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao partir do pressuposto de que não há fronteiras fixas para a literatura e que se vive num universo contemporâneo de *bits*, *hiperlinks*, ciberespaço, filmes, jogos e músicas, surgem novas possibilidades para a literatura que vão além do suporte livro impresso e chegam às plataformas digitais. Entretanto, isto não significa o suposto fim do livro, haja vista que este também é o resultado de um processo tecnológico que data de milênios. Não se trata de uma ruptura de suporte e sim uma continuidade e possibilidade de novos recursos de leitura. Ao que parece, o texto ganha novas companhias: movimento, cores, sonoridade, *games*, interatividade, *hiperlinks*, embora continue sendo o condutor da história. E apesar de haver o hibridismo da linguagem, mantêm-se a estética, a sensorialidade, o poder catártico.

Ao pensar as práticas contemporâneas, observa-se que jovens e adultos estão imersos na rede das tecnologias, o que provoca novos hábitos, novas atitudes e é natural que o sistema tecnológico também engendre a linguagem, autores, leitores e o mercado editorial. Neste sentido é forçoso admitir que a expansão dos suportes da literatura e a convergência de mídias provocou a transitoriedade do papel do leitor, que se vê imerso, nas múltiplas linguagens, nas possibilidades de

leitura em que o olhar observa toda a superfície de leitura em simultâneo, além de seu papel ativo como leitor por meio da interatividade, do inusitado poder de escolher qual será o final da história e conduzir sua leitura através da quebra linear e sequencial do texto, utilizando-se da navegação labiríntica e da construção em rede em que este participa do texto final.

Assim, segundo Beatriz Resende (2008), a desterritorialização da literatura, a ruptura com os cânones vigentes e a absorção dos recursos midiáticos na construção do texto, sobretudo, da ausência das barreiras entre alta cultura e cultura de massas, conduziu a literatura para o florescer de novas subjetividades e a solidificação de um processo democrático que dá espaço às novas vozes que asseguram a representação popular no processo de criação e difusão da cultura. Por fim, abrem-se novos caminhos para explorar a literatura, nas palavras de Marcelo Spalding (2012) “Mudam-se as vontades, mas enquanto houver um poeta, uma língua e um leitor, lá haverá literatura. Seja na pedra, no papel, na tabuleta, no *tablet*, na terra, no espaço ou no ciberespaço (SPALDING, 2012, p. 238). Em suma, é importante refletir acerca do papel do pesquisador e do professor acerca dos aspectos implicados na produção e recepção da literatura em outros suportes e promover experiências de leitura aos discentes que possibilitem novas vivências literárias permeadas pela multiplicidade de significações, exploração de novos territórios de sensorialidade e sensibilidade.

6 REFERÊNCIAS

AVERBUCK, Clarah. **Das coisas esquecidas atrás da estante**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CHARTIER, Roger. **As revoluções da leitura no ocidente**. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2007.

CONNOR, S. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Trad. Daniel Pelizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARRAMUÑO, Florencia. **A experiência opaca: literatura e desencanto**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2012.

_____. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea**. Trad. Carlos Nougé. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LEITE, Adoniran Oliveira. *Do texto impresso ao hipertexto digital: o fazer literário na era da cibercultura*: Revista Travessias. V. 10, n. 01, 26 ed, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA, Débora e COSTA, Keila. **Leitura de poesia e formação do leitor**: do impresso ao digital. In: SILVA, Débora Cristina Santos; CAMARGO, Goiandira Ortiz; GUIMARÃES, Maria Severina Batista. *Olhar o poema*: Teoria e prática do letramento poético. 1.ed, Goiânia: Câneone editorial, 2012.

SPALDING, Marcelo. **Alice do livro impresso ao E-book**: adaptação de Alice no país das maravilhas e de através do espelho para Ipad. Porto Alegre: 2012.

Title

The Literature in the digital age: expansion of supports and convergence of media.

Abstract

With the dilution of the specificity of the literature there was an expansion of the horizons of artistic production, which in a way promoted the expansion of the media, which go beyond the printed book, along with the convergence of the media. In this sense, the literary text has acquired new partnerships that range from the presence of moving images, music, games, sounds, hyperlinks among other multimedia resources, as well as the democratization of literary space with the insertion of new voices of popular representation that were historically excluded. Also arise new spaces of publication and dissemination ranging from blogs, social networking among many others. There is a new profile of author and reader, the borders and barriers are pulverized, there is an implosion of the limits so that an approximation until then, not imagined between author, text and reader occurs, through the facilities of access, interactivity, multiple languages and freedom of choices in relation to reading. For the theoretical foundation, there are discussions about literature and its multiplicity in contemporary times (Resende, 2008; Garruchau, 2014; Schöllman, 2011) on literature in the digital age (SPALDING 2012; DARNTON, 2010), the literature reader since printed and digital supports, (SILVA and COSTA 2012, LEITE 2016 and CHARTIER, 2007).

Keywords

Multimedia literature; expansion of supports; digital age.

Recebido em: 01/11/2017.

Aceito em: 25/11/2017.